

# QUEIMADOS

---

A publicação, neste número de Novembro da ACTA MÉDICA PORTUGUESA, de dois artigos sobre epidemiologia e assistência a doentes queimados em dois grandes Hospitais Centrais, dá-nos a oportunidade de, uma vez mais, pôr o dedo num dos problemas graves de que enferma a Saúde em Portugal.

Na verdade, após uma fase de esperança bem transitória, tem-se assistido a um retrocesso doloroso na *visão* administrativa da problemática dos queimados em hospitais portugueses. Não tenho qualquer dúvida em insistir e acentuar as expressões utilizadas: **retrocesso doloroso**, que já traduziu na perda incompreensível de vidas humanas; na **visão** marcadamente **administrativa** pela impossibilidade e mesmo pela deformação objectiva da realidade.

Mas vejamos os factos.

**A esperança:** Entre o final da década de 70 e o início dos anos 80 começou a surgir no Hospital de S. José uma pequena *secção de queimados*, em instalações improvisadas mas independentes, com equipamento razoável. Essa unidade foi, durante vários anos, o único local para tratamento de queimados existente em Portugal, e nessa qualidade prestou serviços que, sem qualquer favor, podem ser considerados excepcionais.

Só em 1987, graças ao esforço e influência pessoal do então Director do Serviço de Cirurgia Plástica do Hospital de Santa Maria, foi ali inaugurada uma unidade de queimados planeada e construída para o efeito, com uma capacidade de 6 camas.

A esperança parecia crescer e ampliar-se pois sabia-se que, no Hospital da Prelada, no Porto, e nos Hospitais da Universidade de Coimbra, estavam em bom andamento as obras de mais duas unidades modelares para tratamento de doentes queimados, unidades que entraram em funcionamento em breve prazo.

Quatro unidades de queimados num país que, havia bem poucos anos, nada tinha nesse domínio, e a que se iria somar mais uma secção criada no Hospital Pediátrico de D. Estefânea, parecia a realização de uma esperança sonhada durante longos anos, e o triunfo de uma nova mentalidade política em matéria tão grave da Saúde Pública.

**A Frustração:** A breve prazo, porém, o brilho da esperança entrou em declínio. Problemas de natureza vária, desde os técnicos aos administrativos, tornaram irregular o funcionamento da unidade do Hospital de Santa Maria. Por seu lado, a degradação das instalações *provisórias* da secção de queimados do Hospital de S. José acabou por conduzir ao seu encerramento *por três meses*, desde o dia 4 de Outubro de 1991. Mas mais grave ainda do que o encerramento ou a irregularidade de funcionamento é a perspectiva político-económica com que são encaradas unidades deste tipo. *Não estou para aguentar com despesas dessas*, expressão já ouvida e repetida em várias quebradas, caracteriza de modo preocupante um outro tipo de mentalidade, infelizmente muito em moda - a do contabilista falho de génio e de postura.

Neste mês de Novembro os jornais, ávidos de escândalos e de vítimas, deram conta da odisseia de dois queimados graves, por acaso dois doentes de um Hospital-prisão. Passearam de ambulância de hospital para hospital, à procura de uma unidade de

queimados que os pudesse receber, acabando por ficar em Coimbra. Um deles não resistiu e o outro não está bem. Estes, pelas suas características, prestavam-se mais ao escândalo. E os outros? Aqueles que diariamente acorrem à urgência, que nem são presos nem políticos e que são tratados como é possível, sem instalações nem equipamentos?

**A raiva:** Esta é, também naturalmente, a última fase do processo. Se há um acidente mortal em doente que deveria sobreviver (em condições de normalidade sanitária), é preciso, é urgente, é político, é escândalo saboroso, apontar culpados. Políticos? Nem pensar! São tão generosos... Contabilistas? De modo nenhum! Só têm acesso a números de mercearia... Administrações? Não, por favor! É que elas são mesmo de confiança...

Naturalmente, insisto, chegamos aos restantes - médicos, enfermeiros, um ou outro técnico de saúde. É moda, dá dividendos; os jornais vendem-se mais, os políticos sorriem, as administrações suspiram aliviadas. O médico - esse malandro! Pois se ele nem quer ir trabalhar para fora da grande cidade... É certo que a administração se esqueceu de lhe fornecer a tenda para se instalar e receber os doentes na praça da Vila... Mas que importância tem nessa ninharia?

Concluindo, dou a palavra a um dos Autores dos artigos referidos: *Pesem embora os elevados custos da construção e da manutenção de uma Unidade de Queimados, são social e humanamente muito mais graves e melindrosos os problemas que o tratamento de queimados suscita sem o equipamento adequado (...).*

Falemos sério e de uma vez por todas. É que, em Saúde, seriedade, honestidade e coragem podem representar a VIDA para muitos doentes que vão morrendo inutilmente.

J. BOLÉO-TOMÉ